



A INCRÍVEL GERAÇÃO DE MULHERES: A CRÔNICA CONTEMPORÂNEA E O CIBERATIVISMO

Francine Malessa
Prof^a Dr^a Sabrina Franzoni (orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Resumo: Este estudo faz um mapeamento dos sentidos sobre o discurso feminista, presentes em três crônicas contemporâneas que estão intertextualmente conectadas. Estes textos opinativos foram publicados entre os meses de junho e julho de 2014, nos portais de notícias do jornal O Estado de S. Paulo e da Folha de S. Paulo. A pesquisa aborda, também, o jornalismo como um espaço de mediação e de visibilidade para o debate de gênero, além de tratar o ciberativismo como uma ação democrática e de disputa de poder entre os discursos que nas crônicas se apresentam. Na parte teórica foram trabalhadas noções dos Estudos Culturais, como a construção de identidade. Já a metodologia utilizada foi a Análise do Discurso (AD), com base em Benetti (2007).

Palavras-chave: Feminismo; Empoderamento; Crônica; Ciberativismo, Jornalismo

1. Introdução

O jornalismo foi conceituado por Méditsch (1992) como uma forma social de conhecimento, ou melhor de produzir conhecimento sobre o mundo. Entre as competências do ofício, estão a capacidade de produzir opinião, formar valores, garantir espaço para a diversidade das informações e ser um ambiente para a promoção de princípios democráticos, que respeitem as distintas representações sociais, colocando-se contra toda e qualquer discriminação de gênero, raça ou etnia. É importante assinalar que isso está previsto no Código de Ética dos Jornalistas, em seu inciso XIV, do Artigo 6º do Capítulo II que dispõe como responsabilidades da conduta do jornalista combater a prática de perseguição e discriminação. Nesta perspectiva, este artigo busca refletir sobre a

construção discursiva de gênero, a partir do estudo de três crônicas publicadas em veículos de comunicação, de grande circulação nacional.

A motivação deste estudo se deu a partir de uma publicação da escritora Ruth Manus, no dia 18 de junho, em seu blog, no site do jornal O Estado de S. Paulo, intitulada como *A incrível geração de mulheres que foi criada para ser tudo o que um homem NÃO quer*. A crônica gerou um amplo debate com a publicação de duas colunas opinativas, uma de autoria de Mariliz Pereira Jorge, na Folha de S. Paulo, e de Daniel Martins de Barros, também do Estado de S. Paulo.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que forma o discurso de gênero está presente na crônica contemporânea, através de conceitos teóricos de empoderamento e ciberativismo.

O ciberativismo colabora como um espaço de discussão e disputa de poder, contribuindo para a construção de identidade do movimento feminista. Com características de colaboração e produção praticamente ilimitadas, o ciberespaço surge como uma ferramenta que possibilita a exposição de ideias e a ocorrência de debates. Este é o momento que o feminismo vive, onde cada vez mais discussões ocorrem pelo mundo virtual. A própria Unesco tem incentivado o acesso das mulheres ao mundo digital, o órgão também vê a rede mundial como um elemento empoderador. Diante dessa realidade, este trabalho defende o espaço digital como relevante para o desenvolvimento do movimento social.

Os textos analisados nesta pesquisa correspondem: a crônica, a coluna e o artigo de opinião, mas os gêneros jornalísticos não serão teorizados em função das restrições de espaço¹. Apresenta, ainda, o aporte metodológico dos Estudos Culturais. Na análise busca identificar a forma como as autoras e o autor constroem seus textos, utilizando a metodologia de Análise de Discurso de linha francesa (AD).

A seguir serão abordados os conceitos de Power Feminism e o Empoderamento que darão sustentação para a análise empírica da pesquisa.

1. Power Feminism e o Empoderamento

¹ Este artigo é um recorte do meu TCC, onde desenvolvo um capítulo sobre os três gêneros jornalísticos presentes nos textos analisados. No artigo fiz a opção de suprimi-lo em função da restrição do número de caracteres.

O movimento feminista pode ser dividido em três ondas. A primeira ocorreu entre os séculos XIX e XX. Faziam parte das demandas cobradas pelas feministas a garantia dos direitos civis, como o direito ao voto e o acesso à educação superior.

A segunda fase teve início na década de 1960. Um dos símbolos do movimento foi a publicação de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Também foi nesta época que surgiu o famoso cartaz *Rosie the Riveter*, que mais tarde tornou-se um símbolo feminista (LEAL, 2015). No Brasil, esta onda foi combinada com a época da ditadura militar, mas não impediu que importantes conquistas acontecessem, até mesmo antes do golpe de 1964. Um exemplo é a Lei 4.212, sancionada em 1962, que garantiu que as mulheres não precisavam da autorização do marido para trabalhar e garantia, ainda, o direito a herança e a possibilidade de requerer a guarda dos filhos em caso de separação.

Já o terceiro momento da luta feminista é contemporâneo, também denominado de pós-feminismo, como pode também ser chamado esse momento teórico político que marca o período pós década de 80.

O pós-feminismo não possui uma identidade única ou uma corrente de objetivos específica ao contrário das demais ondas do movimento, que contavam com demandas bem definidas. É no pós-feminismo que surge o *powerfeminism*, uma das correntes onde a mulher está mais livre e poderosa. O início deste movimento é marcado, na década de 1990, por publicações como *The New Feminism*, de Natasha Walter, em 1998, e *Fire-with Fire*, de Naomi Wolf, em 1993 (COSTA, 2013). É no *powerfeminism* que a mulher vai superar seu status de vítima e vai tratar o empoderamento como ponto principal para a emancipação das mulheres.

É a imagem otimista e celebratória de um grupo de jovens mulheres confiantes e assertivas que estão alcançando altos níveis de sucesso nos âmbitos público e privado, que possuem o poder para se auto definirem e precisam explorá-lo. (COSTA, 2013, p. 3).

Do *powerfeminism*, na década de 1990, surge a corrente do *girlpower*, que deve parte de sua popularização às aparições e surgimento de posições midiáticas. O grupo inglês *Spice Girls* é um dos principais ícones do movimento responsável por propagar as ideias desta corrente.

O *girl power* busca construir sujeitos femininos independentes e confiantes na exibição de sua feminilidade, promove a assertividade feminina e a autonomia no estilo de vida e na sexualidade, bem como a celebração da diversão e da amizade feminina. (GENZ; BRABON, 2009, apud COSTA 2013, p. 3).

Apesar de as autoras do pós-feminismo destacarem a liberdade e empoderamento da mulher, não significa que o movimento feminista não seja mais necessário. De acordo com Leal (2015), o feminismo resolveria o paradoxo da independência feminina sem precedentes e a manutenção de desigualdades ainda existentes, principalmente no que se refere ao mercado de trabalho.

O papel do movimento seria então o de mostrar às mulheres que elas são poderosas: somente ao se sentirem dessa forma elas seriam capazes de vencer as barreiras que ainda persistem. (LEAL, 2015, p. 38).

No entanto, do que se trata, afinal, este empoderamento feminino? Para Walter (1998 apud COSTA, 2013), não há mais tanta ligação com as demandas políticas. Existe, no fundo, uma ligação com os direitos individuais, ter liberdade para consumir o que quer, dentro de um quadro que exalta a vida de mulheres de classe média e da classe alta de grandes cidades. Wolf (1993 apud COSTA, 2013) também trata de questões materiais. Neste sentido, o emprego do empoderamento está ligado muito mais às questões econômicas do que políticas ou sociais, presentes anteriormente no movimento. Wolf destaca ainda que o medo presente no interior das mulheres pode ser um obstáculo para o empoderamento. “A hipótese de Wolf é que as mulheres não podem mudar o mundo até se sentirem poderosas dentro de si mesmas”. (LEAL², 2015, p. 39).

Apesar de as mulheres contemporâneas estarem aprendendo a lidar com as novas relações de poder social, econômico e de gênero, já é possível afirmar que o pós-feminismo, o *powerfeminism* e o *girl power* trouxeram resultados positivos. Lipovetsky (2000) reforça essa visão, ao falar da importância da emancipação feminina:

Sem dúvida, nenhuma revolução social da nossa época foi tão profunda, tão rápida, tão rica de futuro quanto a emancipação feminina (...). O grande século das mulheres, o que revolucionou mais que qualquer outro seu destino e sua identidade, é o século XX. (LIPOVETSKY, 2000, p. 11-12).

²Os estudos publicados por LEAL (2015) e COSTA (2013) pertencem à mesma autora, que os assina com sobrenomes diferentes.

Ainda de acordo com o autor, instalou-se uma nova figura social do feminino nas sociedades ocidentais contemporâneas. Lipovetsky (2000) garante que se hoje se fala na revolução democrática da construção social dos gêneros, é porque agora eles se encontram em uma situação de poder livre, sem estarem presos a uma disposição sobre si mesmos e por terem liberdade para se auto inventarem fora de qualquer situação social.

3. Os Estudos Culturais: aporte teórico metodológico

Como referencial teórico-metodológico foi escolhido os Estudos Culturais, visto que o movimento feminista se caracteriza também como um movimento social, que participa na construção de identidade (HALL, 2002). Ou seja, o movimento e a metodologia se relacionam em uma conexão de cultura, resistência, identidade e poder.

Dentro do tema de pesquisa deste trabalho, vale destacar uma publicação de Charlotte Brundson e David Morley, *Everyday Television, Nationwide* (1978), que também fala a respeito das representações de gênero, classe social e grupos étnicos.

Os Estudos Culturais, é bom que se diga, tanto servem de suporte a investigações nos mais variados segmentos das ciências sociais e humanas, da Estética à Ecologia, como variam de enfoque de acordo com os mais variados lugares de fala, dá, a multiplicidade de abordagens, entre elas, as de etnia, língua, classe, gênero e orientação sexual. (SILVA, 2002, p. 30).

Os Estudos Culturais também debatem o espaço da internet, que tem sido tanto suporte como objeto de estudo dessa corrente de pensamento. São os chamados “novos Estudos Culturais” (SILVA, 2002), que refletem a diversificação da subjetividade que caracteriza os novos movimentos sociais, onde as diferenças são o principal fator de busca pela cidadania e emancipação. Como exemplo citado pelo próprio autor, está o discurso feminista de mulheres-negras-lésbicas, que trata de um “exercício autônomo de orientações enunciativas próprias”.

Os Estudos Culturais, como o próprio nome já diz, tratam de compreender a cultura inserida na sociedade, uma cultura viva, onde os movimentos sociais são membros ativos para a compreensão das relações institucionais, familiares, trabalhistas, comunitárias, enfim, tudo que busca aprofundar a conexão entre cultura, significação, identidade e poder.

O Feminismo sempre foi considerado um movimento questionador e de resistência. E entre os diferentes momentos dos Estudos Culturais, as teorias e o movimento se encontraram. Na década de 1970, havia uma “emergência de subculturas que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 36).

Ainda de acordo com a autora, na metade desta década é percebida a importância dos meios de comunicação de massa, vistos também como um aparelho ideológico do Estado.

Nessa época, os estudos das culturas populares pretendiam responder a indagações sobre a constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido, sobre o problema de sua autonomia e, também, como esses mesmos sistemas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva e como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 36).

É ainda na década de 70 que o Feminismo ganha espaço e passa a ser discutido pelos teóricos de Birmingham. Hall (1996) afirma que o movimento feminista foi responsável por reabrir e adaptar os Estudos Culturais com a abertura para o entendimento do âmbito pessoal e políticos e as suas consequências na construção do objeto de estudo; expansão da noção de poder; centralidade das questões de gênero e sexualidade para compreender o poder; inclusão de questões em torno do subjetivo e sujeito; e, a reabertura da fronteira entre teoria social e inconsciente.

A estrutura dos estudos a respeito do movimento mudou também a organização dos teóricos: Hall e Michael Green convidaram feministas para integrarem o CCCS.

Estávamos muito ansiosos para estabelecer aquele vínculo, em parte porque nós dois, à época, vivíamos com feministas. Trabalhávamos com estudos culturais, mas mantínhamos uma conversação com o feminismo. As pessoas pertencentes aos estudos culturais estavam se tornando sensíveis à política feminista (...). (HALL, 1996, p. 499, apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 38).

Esta relação das feministas com os Estudos Culturais contou com diferentes momentos de produção. Inicialmente, influenciadas pelo *Women's Liberation Movement*, em 1976, as mulheres que agora integravam o CCCS, questionaram a sua própria posição e propuseram um grupo só de mulheres. É válido destacar que o *Women's TakeIssue*(1978) é considerado o primeiro resultado prático da divulgação dos trabalhos do *Women's Studies Group*, do CCCS (Escosteguy (2001).

Conforme Nelly Richard (2002) destaca em *Intervenções artísticas – arte, cultura, gênero e política*, os estudos e pesquisas que ligam a psicanálise e o feminismo desconstruíram a concepção de identidade como algo imutável. Ou seja, não é mais possível determinar alguém como feminina, no sentido de gênero, ou feminista, como integrante do movimento, de forma linear ou “sobre um núcleo garantido de atributos pré-determinados” (RICHARD, 2002, p. 156).

A teoria é confirmada por Stuart Hall (2002), que afirma que as identidades que estruturaram as sociedades pelo mundo atualmente estão em um processo de declínio, o que ele chama de *crise de identidade*. Ainda conforme Hall, o sujeito pós-moderno é fragmentado, sendo formado por várias identidades. Não existe uma identidade única, mas sim uma que se forma de acordo com a relação e a forma como o sujeito é representado nos sistemas culturais ao qual está inserido.

Tais teorias convergem e justificam a atual situação do movimento feminista: não há uma identidade única, originando, desta maneira, as diversas correntes como *powerfeminism, backlash, queer, radicais, feministas trans, feminismo negro*, etc.

Em sua versão pós-estruturalista, a crítica feminista quer desmontar a unidade categorial do signo “mulher” e promover um nomadismo da identidade, baseado no posicionamento e no articulatório, para criar uma multiplicidade de vetores de identificação transitivos e contingentes. (RICHARD, 2002, p. 164).

Richard (2002) cita ainda a desconfiança do movimento feminista com a coincidência da emergência do feminismo na pós-modernidade e a desconstrução da identidade. A autora justifica este movimento afirmando que o feminismo foi o mais atingido pela nova estrutura social.

A crítica feminista afirma suas políticas da identidade sobre a base da diferença de gênero, porém o fato de que nem a “identidade”, a “diferença” ou o “gênero” possam mais ser tomados como categorias plenas e seguras, unificadoras de um “nós”, coloca complexos desafios que exacerbam as tensões, no interior do feminismo, entre as defensoras da “identidade” e as partidárias das “diferenças”. (RICHARD, 2002, p. 157).

Estes deslocamentos, conforme apontou Hall (2002), ocorreram devido ao impacto da globalização sobre a identidade cultural, tornando as sociedades modernas como sociedades que passam por mudanças constantes. Analisando de forma individual, a

construção da identidade feminista, embasada em Hall (2002), que afirma que as transformações associadas à modernidade libertaram os indivíduos de seus apoios estáveis, que antes eram considerados como algo estabelecido, é possível dizer que as mulheres e demais indivíduos³ se apoderaram desta situação e promoveram a sua própria revolução. São estes sujeitos que saíram da condição a qual estavam inseridos e construíram a sua própria identidade, fragmentada e pós-moderna.

A seguir, são apresentados os conceitos de ciberativismo e como o ciberespaço pode contribuir para uma expansão do debate feminista e de que forma o empoderamento é retratado na mídia tradicional.

4. O empoderamento na mídia e o ciberativismo

Tendo por pressuposto que a imprensa é um dos espaços de representação e de construção do contexto social de uma determinada época, a identificação do aumento de visibilidade dada ao movimento feminista e o crescimento do número de publicações de textos sobre o tema, são um indicativo do empoderamento da mulher, difundido pela mídia na atualidade. Esta maneira de ver é apontada por Costa (2013):

O assunto extrapolou o âmbito especializado das publicações femininas e ganhou as revistas semanais de informação. Frequentemente são empregadas palavras como mulher poderosa e mulher alfa para descrever esse sujeito feminino midiático, e a utilização de um conjunto de símbolos iconográficos associados a esses padrões de feminilidade exaltados pelo girlpower, especialmente o salto alto, é recorrente. (COSTA, 2013, p. 3).

Paralelo ao surgimento de um novo discurso na mídia tradicional está a blogosfera⁴, que tem se transformado cada vez mais, principalmente com o avanço de tecnologias, em uma plataforma de empoderamento das mulheres. Para Dieminger e Oliveira (2015), esta rede interativa possibilita a criação de nova identidade através da troca de informações.

Com a expansão das tecnologias e o maior acesso à internet, se abrem novas possibilidades para o feminismo (VAN DOORN; VAN ZONEN, 2008, s/p, apud CERQUERIA et al., 2009, s/p). É na blogosfera e demais espaços da internet, por

³ Também se referem às mulheres que se construíram dentro do gênero, como transexuais.

⁴ Termo coletivo que compreende os blogs como uma comunidade.

exemplo, que as mulheres estão livres para explorar e abranger a discussão da luta feminista. “O ciberfeminismo tudo tem a ver com a afirmação e o acesso ao poder (o empowerment) da parte das mulheres, a redefinição da sua identidade e a coexistência de identidades múltiplas e alternativas, a existência de várias vozes”. (MACEDO, 2007, p. 255 apud CERQUEIRA et al, 2009, p. 115).

Ainda conforme Cerqueira et al (2009), a Unesco tem trabalhado para promover o acesso ao mundo digital para as mulheres, visto que o órgão identifica a blogosfera como uma ferramenta fundamental para promover o empoderamento feminino. Os blogs, nesta perspectiva, apresentam um potencial inovador e de interatividade tanto ao sexo masculino como ao feminino.

No entanto, estas ferramentas não ocupam o mesmo espaço de protagonismo que os meios convencionais. Além disso, ainda existem obstáculos como o acesso desigual aos computadores (DIEMIGER e OLIVEIRA, 2015).

Segundo Lola Aronovich (apud DIEMIGER; OLIVEIRA, 2015), blogueira de *Escreva Lola Escreva*, a relação da mídia com grupos historicamente discriminados é sempre difícil, o que não seria diferente com as feministas. Sendo assim, os tradicionais veículos de informação seguem reforçando estereótipos nocivos às mulheres, tornando imprescindível o surgimento destes meios comunicacionais alternativos como os blogs e ciberativismo, sendo este último uma estratégia que pretende promover uma mudança da agenda pública através da difusão da mensagem pelas redes sociais pessoais e veículos de comunicação.

Para Diemiger e Oliveira (2015), é possível falar em uma democracia participativa nas redes sociais, a partir da distribuição do poder, com a possibilidade de discutir os fatos. Para os autores, o ciberativismo é uma forma de fortalecimento da democracia, pois contribui para trazer à tona as pautas feministas atuais. Há a possibilidade de difusão de informações na plataforma digital, com o intuito de transformá-la em uma discussão para, depois, torná-la uma consciência coletiva.

Partindo do ponto de análise dos objetos empíricos desta pesquisa – que estão publicados em um blog do jornal Estadão e no site da Folha de S. Paulo – é possível afirmar que tanto o ciberativismo quanto o pós-feminismo e o movimento do *girlpower*

estão entrelaçados no pensamento contemporâneo. É dentro do espaço digital que o empoderamento feminino vai ganhando cada vez mais espaço.

Após a apresentação de conceitos e do aporte metodológico, parte-se, então, para a análise das publicações.

5. Análise dos textos

Para análise dos textos foi utilizado o aporte da Análise do Discurso (AD), com base em Benetti (2007), para identificar os sentidos construídos pelo discurso em torno das crônicas que tem como enunciado principal *A incrível geração de mulheres*.

Os três textos - *A incrível geração de mulheres que foi criada para ser tudo que um homem NÃO quer*, publicada por Ruth Manu em 18 de junho no Estado de S. Paulo; *A incrível geração de mulheres chatas*, de Mariliz Pereira Jorge, publicado no dia 26 de junho, na Folha de S. Paulo; e *A incrível geração de mulheres que não sabe a diferença entre opinião e conhecimento*, publicada no dia 8 de julho, também no Estado de S. Paulo, por Daniel Martins de Barros - têm como característica em comum a figura da mulher, escolarizada e com um aporte financeiro. O outro aspecto que liga as produções é a necessidade de a mulher se relacionar com alguém.

O último texto desta discussão pertence a Daniel Martins de Barros, e foi publicado quase um mês depois do texto de Ruth Manus. A sua presença se faz necessária por pelo menos duas questões: a primeira por estar inserido num discurso do movimento ciberativista no qual muitos homens estão engajados e o segundo, por trazer um ponto de vista de um psiquiatra apresentando dados relevantes para a argumentação.

Após a leitura dos três textos foram definidos quatro núcleos de sentido, denominados de: NS1: Acomodação; NS2: Empoderamento; NS3: Mescla; NS4: Justificador

Conforme exposto anteriormente, o empoderamento, de acordo com Costa (2013) é a imagem otimista e celebratória de um grupo de jovens mulheres confiantes e assertivas que estão alcançando altos níveis de sucesso e possuem o poder para se auto definirem. Já a acomodação⁵ pode ser caracterizada como pôr em ordem, ou seja, contrapõem-se ao movimento feminista que representa tirar de ordem o sistema patriarcal na qual a sociedade está embasada. Além disso, outro sentido que vem atrelado ao aco-

⁵ Dicionário Luft, 2005.

modar é o de desmerecimento, como algo que deixa de merecer, torna-se indigno da consideração de alguém. Dentro do movimento, essa acomodação ou desmerecimento aparece na corrente *backlash*, que é um conjunto de reações ao feminismo com um propósito antifeminista. Por fim, o justificador vem do significado de justificar: dar razão de; demonstrar. O que neste caso seria justificar com dados as ideias expostas nos anteriores.

O NS1 conta com três ocorrências no texto de Ruth Manus, seis na produção de Mariliz Pereira Jorge e nenhuma na coluna de Daniel Martins de Barros. O NS2, aparece três vezes nos textos de Ruth e Mariliz e nenhuma de Daniel. Já o NS3 pode ser encontrada três vezes na crônica de Ruth e duas na de Mariliz e, novamente, nenhuma vez no texto de Daniel. Por fim, o NS4 aparece somente na coluna de Daniel, seis vezes.

A seguir são apresentados um exemplo de cada Núcleo de Sentido e a sua contextualização.

5.1 Núcleo de Sentido –NS1 Acomodação

Não faz nem um mês eu disse aqui que a melhor desculpa de uma mulher que está sozinha é que não tem homem no mercado. É muito boa. Mas tem uma que disputa à faca o primeiro lugar: estou sozinha porque os homens têm medo de mulheres independentes. Uma ova. E posso afirmar: a cada minuto que você reclama, tem outra mulher também independente e bem sucedida – mas muito mais esperta do que você – sendo bem sucedida na dança do acasalamento. E você aí, sozinha no bar com as suas amigas independentes, com suas bolsas caras, indo dormir sozinhas, reclamando da morte da bezerra e dos homens. Aqueles ingratos. (FD 11 – TEXTO MARILIZ)

A acomodação acaba por desmerecer as mulheres que frequentam os bares, investem seu salário em bolsas caras e que reclamam dos homens. Outro aspecto que compõe esse discurso é a proteção aos homens, ao falar de forma irônica que eles são ingratos. Além disso, a autora também reforça o discurso de competição entre as mulheres dizendo que outras estão sendo bem sucedidas.

5.2 Núcleo de Sentido –NS2 Empoderamento

Somos a geração que foi criada para ganhar o mundo. Incentivadas a estudar, trabalhar, viajar e, acima de tudo, construir a nossa independência. Os poucos bolos que fiz na vida nunca fizeram os olhos da minha mãe brilhar como as provas com notas 10. Os dias em que me arrumei de forma impecável para sair nunca estamparam no rosto do meu pai um sorriso orgulhoso como o que ele deu quando entrei no mestrado. Quando resolvi fazer um breve curso de no-

ções de gastronomia meus pais acharam bacana. Mas quando resolvi fazer um breve curso de língua e civilização francesa na Sorbonne eles inflaram o peito como pombos. Não tivemos aula de corte e costura. Não aprendemos a rechear um lagarto. Não nos chamaram pra trocar fralda de um priminho. Não nos explicaram a diferença entre alvejante e água sanitária. Exatamente como aconteceu com os meninos da nossa geração. Mas nos ensinaram esportes. Nos fizeram aprender inglês. Aprender a dirigir. Aprender a construir um bom currículo. A trabalhar sem medo e a investir nosso dinheiro. Exatamente como aconteceu com os meninos da nossa geração. (SD 4 – TEXTO RUTH).

A narrativa conta somente com um núcleo de empoderamento, principalmente ao afirmar que *Somos a geração que foi criada para ganhar o mundo. Incentivadas a estudar, trabalhar, viajar e, acima de tudo, construir a nossa independência*. A autora chega a projetar uma igualdade de gêneros ao dizer que isso tudo ocorreu tanto para as mulheres quanto para os homens.

45.3 Núcleo de Sentido –NS3 Mescla

Às vezes me flagro imaginando um homem hipotético que descreva assim a mulher dos seus sonhos: “Ela tem que trabalhar e estudar muito, ter uma caixa de e-mails sempre lotada. Os pés devem ter calos e bolhas porque ela anda muito com sapatos de salto, pra lá e pra cá. Ela deve ser independente e fazer o que ela bem entende com o próprio salário: comprar uma bolsa cara, doar para um projeto social, fazer uma viagem sozinha pelo leste europeu. Precisa dirigir bem e entender de imposto de renda. Cozinhar? Não precisa! Tem um certo charme em errar até no arroz. Não precisa ser sarada, porque não dá tempo de fazer tudo o que ela faz e malhar. Mas acima de tudo: ela tem que ser segura de si e não querer depender de mim, nem de ninguém. (SD 2 – TEXTO RUTH).

Embora o discurso hipotético descrito no início da crônica traga fortes sentidos de empoderamento, o desmerecimento aparece, mesmo de forma a desconstruir o discurso. O trecho *Cozinhar? Não precisa! Tem um certo charme em errar até no arroz. Não precisa ser sarada, porque não dá tempo de fazer tudo o que ela faz e malhar* traz argumentos que estão inseridos no senso comum da sociedade patriarcal. Ou seja, a mulher empoderada tem a sua capacidade de cozinhar questionada e a necessidade de atender ao padrão de beleza empregado pela sociedade também surge. Por outro lado, o trecho *Ela tem que trabalhar e estudar muito (...) ela deve ser independente e fazer o que quiser com o próprio salário* é o resumo das características da mulher empoderada, que tem direito ao estudo, inserção no mercado de trabalho e controle sobre o seu salário e sua vida pessoal.

5.4 Núcleo de Sentido – NS4 Justificador

As razões são várias, mas para quem acha que ser estudada e bem sucedida não faz diferença nenhuma, é bom saber que a chance de uma mulher sozinha ter mais de 12 anos de estudo é 70% maior do que uma mulher acompanhada ter esse nível educacional. Além do que, a renda média das desacompanhadas supera em 62% a das demais. (SD 23 – TEXTO DANIEL)

Apropriando-se das informações da pesquisa, Barros confirma que o novo papel social da mulher e a educação ou alto grau de escolarização são características que geram consequência para que haja mais mulheres solteiras, e que tais condições também implicam em um poder aquisitivo maior.

6. Considerações Finais

Apesar de estarmos em uma época onde o discurso feminista tem se tornado cada vez mais emergente, onde tantos movimentos se difundem pelas páginas da web, nas ruas, nos debates, nos fóruns e demais locais que propiciem a exposição de ideias, ainda é possível ver a repetição do discurso patriarcal.

Constata-se que o discurso autoritário e acomodador pode ser feito de forma inconsciente, e até mesmo com o intuito de tentar trazer empoderamento, mas que na verdade ainda não se desvencilhou das raízes machistas.

Como um movimento social, o feminismo ganhou amplo espaço na plataforma digital, chegando à promoção do ciberativismo. Apropriadas do legítimo poder, as mulheres encontram na rede o espaço para difundir e ampliar seus debates. É neste ambiente que é justificado porque o texto de Ruth Manus se enquadra em um caso de ciberativismo. Sua publicação circulou pela rede, provocou debates e exposições de opiniões e a publicação de outras produções a partir da sua construção.

Após a leitura, análise e contextualização das sequências discursivas foi possível afirmar que o discurso acomodativo segue assentado na sociedade.

Embora o texto de Ruth Manus busque exaltar o novo papel da mulher empoderada, algumas sequências discursivas da sua crônica ainda trazem a repetição do discurso que desmerece as mulheres. Como por exemplo, quando a autora questiona que homem vai querer uma mulher com uma agenda cheia de compromissos, que tem liberdade de usar o linguajar que bem entender, com autonomia de ir e vir a hora que quiser.

Por outro lado, é fácil afirmar que o texto de Mariliz Pereira Jorge carrega consigo muito mais núcleos de acomodação. A autora deslegitima diversas conquistas feministas, como a autonomia financeira e o acesso à escolarização. Ao afirmar que as mulheres estão solteiras porque são chatas, ela acaba por não corresponder à sororidade⁶ entre as mulheres e, em alguns pontos, retrata o sexo feminino como interesseiro.

Fechando a sequência de publicações deste debate, Daniel Martins de Barros surge muito mais para apresentar justificativas para as exposições feitas pelas duas autoras. Com base em dados de pesquisa, o psicólogo afirma que, sim, a mulher moderna tem maior propensão a ficar sozinha. Além disso, é apresentando estes dados que ele afirma que as exposições de Mariliz Jorge tratam-se muito mais de afirmações pessoais do que justificativas para a sua opinião contrária a de Ruth Manus.

Por fim, é possível perceber que apesar de um discurso, aparentemente, desconstruir conceitos, ele leva consigo a bagagem cultural da sociedade em que está inserido, em suas produções, assim como ocorre no jornalismo. O mesmo pode ser observado de maneira contrária. Apesar de Mariliz querer desmerecer o novo papel social feminino, ela traz em seu discurso sentidos de empoderamento, principalmente quando questiona quando as mulheres vão parar de fazerem o papel de vítima.

Lipvetsky (2000) afirmou que nenhuma outra revolução foi tão profunda quanto a emancipação feminina. Com o poder e a possibilidade de se apropriar dos avanços tecnológicos, as feministas e as mulheres em geral encontrarão um espaço democrático para exporem suas ideias e promover debates. É assim que o ciberativismo surge como um grande aliado do movimento.

A reestruturação social, atribuindo mais direitos às mulheres e mais deveres aos homens, contradição somente aparente, ainda passará por grandes transformações e será pauta de muitos debates – e a mídia tem um compromisso social em promovê-los. Afinal, quem gostaria de perder privilégios garantidos por milênios? Porém, a autora deste trabalho acredita nesta incrível geração de mulheres, tão incrível quanto as que a sucederam e as que estão por vir. É da natureza feminina o poder transformador e transgressor. É da natureza feminina a luta. É da “nossa” natureza a resistência pela existência.

⁶Vem do latim *sóror*, que significa irmãs. É um pacto entre mulheres que são reconhecidas irmãs. É uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo: <http://www.significados.com.br/sororidade/>

Referências

BARROS, Daniel Martins de. **A incrível geração de mulheres que não sabe a diferença entre opinião e conhecimento.** Disponível em <<http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/a-incrive-geracao-de-mulheres-que-nao-sabe-a-diferenca-entre-opinio-e-fato/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

CERQUEIRA, Carla; RIBEIRO, Luísa Teresa; CABECINHAS, Rosa. **Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na "rede".** Ex aequo, n. 19, p. 111-128, 2009. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10033/3/Mulheres%26Blogosfera-2009rUM_rdx.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.

COSTA, Tatiane. **“A mulher venceu a guerra dos sexos”: representações de feminilidade e poder em discursos midiáticos contemporâneos.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. X Póscom. 2013. Disponível em: <<http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2013/11/Artigo-Tatiane-Costa-Entre-meios.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

DIEMINGER, Carlise Clerici; OLIVEIRA, Rafael dos Santos. **Protagonismo ascendente: o ativismo online nas lutas feministas.** Derecho y Cambio Social. 2015. Disponível em: <http://www.derechoycambiosocial.com/revista039/PROTAGONISMO_ASCENDENTE_LUTAS_FEMISTAS.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais – uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=7um6XdL3H2kC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Feminismo&f=false>. Acesso em: 30 mai. 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

JORGE, Mariliz Pereira. **A incrível geração de mulheres chatas.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2014/06/1476515-a-incrive-geracao-das-mulheres-chatas.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2015.

LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2007.

LEAL, Tatiane. **A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher – Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MANUS, Ruth. **A incrível geração de mulheres que foi criada para ser tudo o que um homem NÃO quer**. Disponível em: <<http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/a-incrivel-geracao-de-mulheres-que-foi-criada-para-ser-tudo-o-que-um-homem-nao-quer/>>. Acesso em: 10 set 2015.

MARCHEZAN, Renata Coelho. **Interação social: O caso dos artigos de opinião**. TODAS AS LETRAS J, volume 9, n.1, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/654/585>>. Acesso em: 28 set. 2014.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis. Editora: UFSC. 1992.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **A crônica feminina brasileira no século XIX**. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278296877_ARQUIVO_TEXT_OAPRESENTACAO.pdf>. Acesso 4 out. 2014.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas – arte, cultura, gênero e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.

SILVA, Luiz Martins da. **Teorias da Comunicação no Século XXI – Três polos irradiadores – Chicago, Frankfurt, Birmingham e uma dezena de caminhos**. Brasília, DF: Casa das Musas, 2002.